

MEZ Energia aposta em verticalização para garantir retorno ⁽¹⁾

Luciana Collet

Com um apetite voraz, a MEZ Energia surpreendeu o mercado elétrico nesta quinta-feira, arrematando cinco dos 11 lotes de transmissão leiloados. Queria mais dois. A empresa ofereceu deságios agressivos, de 60% e 70%, na maior parte dos projetos conquistados, e superou operadores tradicionais do setor, como a ISA Cteep, conquistando o título de principal vencedora do certame, com R\$ 2,39 bilhões em investimentos assumidos, ou 33% do total ofertado.

Segundo o diretor presidente da empresa, Mauricio Zarzur, a disposição demonstrada em adquirir até sete dos lotes ofertados fazia parte da estratégia do grupo de "ganhar massa", tendo em vista a estrutura já estabelecida e a oportunidade mais atraente observada hoje do que a vislumbrada no futuro próximo. "Esse leilão era muito estratégico para a nossa perspectiva de médio e longo prazo... Com o que temos em carteira, agora é arregaçar a manga e colocar de pé todos os projetos que colocamos pra dentro", disse o executivo em entrevista ao Broadcast Energia, afastando a possibilidade de mais uma forte atuação nos certames previstos para julho e dezembro. "Sabemos que em 2021 tem dois leilões marcados, mas são leilões pequenos."

Somados os investimentos previstos nos lotes em carteira com os projetos conquistados hoje, a empresa soma R\$ 3 bilhões em investimentos a serem executados e vão gerar à companhia uma receita anual permitida (RAP) da ordem de R\$ 180 milhões, quando estiverem operacionais.

O executivo garante que o diferencial competitivo da companhia, a verticalização, deve garantir a rentabilidade mínima esperada. "Em um cenário de Selic a 2% ao ano, sabíamos que seria um leilão agressivo; não olhamos o que os outros iriam ofertar, fizemos uma análise minuciosa dos orçamentos nossos de implantação, operação e manutenção, olhamos as premissas de financiamento e demos o lance no limite do que é o retorno interno que consideramos em carteira, então acho que é um deságio agressivo, mas no limite do retorno atraente para os nossos olhos", disse, indicando que a taxa interna de retorno (TIR) real almejada alcança os dois dígitos.

Criada há cerca de um ano e meio, a empresa de Marcos Ernesto Zarzur e Mauricio Zarzur, originários do grupo EZTEC, possui uma construtora integrada ao grupo, a MEZ Construções, e já opera com uma equipe de 75 pessoas, entre holding e transmissoras, enquanto implementa um centro de operações para administrar as linhas e subestações que estarão em seu portfólio no futuro. "A nossa grande inovação é conseguir unir as forças de uma transmissora, o controle de uma transmissora, com a agilidade de uma construtora", disse Zarzur.

Atualmente, a MEZ tem em carteira quatro projetos em fase de desenvolvimento. O primeiro deles, um lote de transmissão na Bahia, foi arrematado pela controladora, Barolo Participações, em dezembro do ano passado. Os demais - outro lote na Bahia, um em Goiás e um no Rio Grande do Sul - foram adquiridos junto a outros

empreendedores. Em todos os casos, os projetos entram em operação ao longo de 2022.

Mas Zarzur afirmou que o centro de operações estará pronto até abril de 2021, quando a empresa espera assumir os lotes arrematados hoje, incluindo ativos já operacionais dos lotes 4 e 5. "Tínhamos um interesse especial por esses lotes 4 e 5, porque herdamos ativos operacionais e para nós era estratégico começar logo a operar ativos nossos, e também porque têm sinergia de manutenção e operação com nosso projeto no Rio Grande do Sul", explicou.

Embora seja uma empresa novata no setor, ainda com pouca experiência em desenvolver e operar ativos de transmissão, Zarzur destacou o conhecimento acumulado pelos administradores na Arteon Z, primeira investida da família no setor de transmissão, numa sociedade entre Marcos Ernesto Zarzur e Carlos Eduardo Zarzur, com atuação desde 2017.

Algumas estratégias, no entanto, são diferentes, como o fato de que a Arteon terceiriza sua operação e manutenção, e também porque na primeira investida, os irmãos optaram por apostar em ativos mais simples, como construção de subestações. "Nossa estratégia é mais arrojada que a estratégia inicial na Arteon", disse Mauricio Zarzur, referindo-se ao fato de que a empresa assumiu agora obras consideradas complexas, como linhas subterrâneas. "Mas esses são ativos que, para uma companhia de engenharia, são mais interessantes, e num setor super competitivo como o de transmissão, os ativos mais óbvios e de fácil implementação são mais concorridos", justificou.